

## HIEROFANIAS NO MAIOR SÃO JOÃO DO MUNDO

ASEVÊDO, Flávio Aurélio Tenório de.\*

### Resumo

A religião, tão presente historicamente cultura nordestina, vem sofrendo influências determinantes na sua forma de atuação na atualidade. Observa-se que, nas festas populares, por exemplo, as práticas religiosas enfrentam uma dicotomia entre manifestações religiosas e profanas, motivadas por uma série de fatores, no qual se destaca a economia. Com isso, as festas populares religiosas vêm perdendo este caráter, tornando-se muitas vezes festas profanas e descontextualizadas, como é o caso do São João. A lógica de mercado conduziu a festa em Campina Grande a tornar-se um evento massificado de grandes proporções, gerador de investimentos e recebe turistas de todas as partes do mundo anualmente. Logo, as manifestações religiosas ou hierofanias existentes desde o surgimento da festa tornam-se cada vez mais raras e pouco lembradas pelo povo nordestino. Dessa forma, este estudo busca analisar a forma como os históricos símbolos sagrados se manifestam na contemporaneidade nos festejos juninos, tomando como objeto de estudo o “Maior São João do Mundo”, realizado em Campina Grande.

**Palavras-Chave:** Religião, São João, Sagrado, Hierofania.

Nas práticas diárias do homem nordestino, a religião sempre teve seu espaço reservado. Historicamente, este povo tem sua imagem relacionada a marcas identificatórias como *seca, migração e misticismo* (ANTUNES, 2002: 125). A realidade da região árida serviu como pano de fundo para a construção de uma tradição marcada pela luta do homem frente às adversidades, apoiando-se sempre na religião como meio mantenedor para as suas ações, crenças e para explicar a sua realidade. Assim, ao longo das últimas décadas, processos promovidos pela globalização, indústria cultural e cultura de massas, não sublimaram o “ser nordestino”, devido à força e tradição que lhes representa.

O contexto sócio-histórico e cultural do Nordeste brasileiro permite identificarmos diversas dicotomias tais como urbano-rural, culto-popular, tradicional-moderno e sagrado-profano, por exemplo. Num espaço amplo e privilegiado para a manifestação de uma pluralidade de gêneros, o Nordeste assim configura-se como um terreno híbrido e aglutinador de um misto de elementos que simbolizam sua cultura, história e tradição.

Dessa gama de variedades e possibilidades, o contexto religioso merece destaque tendo em vista a grande oferta de práticas e ritos originados e disseminados na região. A festa de São João é originalmente uma festa ligada à fé católica, de forma mais específica ao catolicismo popular, religião presente no Brasil desde o seu descobrimento e que se tornou co-autora do processo de colonização e da construção de uma identidade nacional para a cultura brasileira, disseminando valores éticos e religiosos entre os que habitavam estas terras.

Uma das características mais marcantes do catolicismo popular brasileiro é de acordo com Maristela Oliveira de Andrade, “o culto aos santos, mais lembrados e reverenciados do que o próprio Deus” (2002: 154). Mas o nome “Festa Junina” veio de Portugal, onde também é comum o culto a santos e as festas tradicionalmente recebem o nome de alguns deles. Daí, no Brasil, a festa configura-se como um grande momento de comemoração dos povos, principalmente nordestinos, que dentre outras coisas, comemoram as boas colheitas ao som do forró em palhoças e parques. A religião católica está presente nas festas, representada não somente nomeando-a, mas também através de inúmeros símbolos e rituais, tornados já tradicionais no evento. Andrade aborda ainda a importância das festas religiosas para o catolicismo popular: (ANDRADE, 2002: 156)

As festas religiosas também tem sido outro elemento importante do catolicismo popular, que se caracterizavam pela presença de três componentes indispensáveis: os fogos de artifício, a procissão e o baile. Além deles, deve-se acrescentar a novena, as pequenas barracas armadas em torno da igreja, a música, a dança e os jogos. Pode-se perceber facilmente que essas festas têm elementos profanos que se mesclam aos sagrados, o que leva à crítica de que as religiões populares não operam a necessária ruptura entre o mundo profano e o sagrado.

A modernização, que tem influência marcante nas produções e práticas simbólicas em todas as regiões do mundo, não faria diferente no Nordeste, percebendo-se que ela conduziu o homem nordestino, como os demais, a novos espaços, mercados e possibilidades. Portanto, a penetração de uma cultura globalizada, massificada na cultura nordestina promoveu mudanças de caráter estrutural e identitários, remodelando tradições e identidades e criando novas perspectivas para o povo, preservando ainda alguns de seus traços mais marcantes.

A religião, tão presente na cultura e tradição do nordestino, também sofreu e vem sofrendo influências determinantes na sua forma de atuação na atualidade. Observa-se que, nas festas populares, por exemplo, as práticas religiosas enfrentam uma dicotomia entre manifestações religiosas e profanas, motivadas por uma série de fatores, dentre eles, destaca-se a economia. A religião submete-se a novas fronteiras, espaços e diversidades de sincretismo. Com isso, as festas populares religiosas vêm ao longo de anos perdendo este caráter, tornando-se muitas vezes festas profanas e descontextualizadas do seu objetivo inicial, como é o caso do São João.

A religião do homem nordestino, suas crenças, tradições e ritos ficam em evidência, submetidos a espaços dessacralizados, ainda que antes fossem considerados sagrados pela origem do festejo, que remete a São João, São Pedro e Santo Antônio, tornando-se produtos

culturais, tendo em vista a associação do festejo junino à lógica de mercado, que conduziu a festa a tornar-se um espetáculo massificado de grandes proporções, gerador de investimentos para a região e instrumento para a divulgação do estado no mundo todo e a conseqüente vinda de turistas para a região.

O homem nordestino se relaciona atualmente com a religião, através da festa de São João, de forma superficial e descontínua, absorvendo manifestações provenientes de outras culturas e submetendo sua fé a hibridações e sincretismos. A religião passa a não ser mais um ponto fundamental e determinante na construção e significado das festas juninas, passando a atuar em muitas situações apenas como uma lembrança de épocas passadas através de representações de tradições e ritos antigos durante a comemoração. A significação dos eventos típicos religiosos, tradicionais do São João se perdem em meio a inúmeros outros elementos adicionados à tradição da festa e aceitos pelo povo.

Logo, as manifestações que aludem ao universo religioso, embora em menores proporções a cada dia, encontram ainda espaços para atuação em meio à festa junina, de caráter dessacralizado. Rituais e símbolos referentes ao sagrado são ainda percebidos e praticados, o que revelam haver no festejo junino uma religiosidade que sobrevive. Ainda que de forma não mais tão atuante na constituição da festa, a religião contribui para a edificação de uma tradição permeada por histórias e referências religiosas e dessa forma, a fé e a religião permanecem no imaginário do homem nordestino que a realiza e também a submete a novas significações. As crendices e superstições são exemplos de hierofanias presentes ainda no imaginário popular e praticadas durante o período junino, que abarcam a fé e atribuem aos santos da tríade junina a esperança por realizações pessoais.

Este trabalho analisa a manifestação do sagrado em meio às práticas profanas na festa de São João de Campina Grande. A festa junina teve origem nos países católicos europeus e chegou ao Brasil no período da colonização através dos portugueses, ainda com o nome de “Festa Joanina”. A relação do festejo com a religião católica é bastante profunda e de acordo com pesquisadores e historiadores, a festa presta homenagem especialmente a São João, mas também a São Pedro e Santo Antônio, santos que tem seus dias comemorados no mês de junho. Dessa forma, a relação entre o sagrado e o profano na cultura nordestina é analisada tomando como objeto de estudo o São João da cidade de Campina Grande, na Paraíba, tendo em vista não somente a importância do festejo junino - conhecido como “O Maior São João do Mundo” - para a economia da cidade e região, mas principalmente pela história das festas juninas, intimamente relacionadas a santos e à religião católica.

Em Campina Grande, a festa de São João é realizada durante todo o mês de junho, iniciando muitas vezes mesmo no mês de maio, num espaço chamado de Parque do Povo, localizado no centro da cidade. O festejo ganhou na cidade status de espetáculo e palco para a exposição e divulgação daquilo identificado como cultura nordestina, do ritmo musical forró às comidas típicas feitas do milho. Neste espaço, a tradição das fogueiras juninas é lembrada através de uma enorme fogueira instalada no parque, feita de materiais metálicos e tecidos. Os fogos de artifício fazem parte do ritual de abertura do evento e também da véspera do dia de São João. A religião católica é representada por uma réplica da Catedral da cidade, construída em madeira e presente em todas as edições do evento. Além disso, existem ainda as palhoças com trios nordestinos, o palco principal, com as principais atrações do forró, as comidas típicas espalhadas por toda a extensão do parque e o “Sítio São João”, com inúmeras referências à religião no festejo junino e na vida do homem nordestino. Todos estes exemplos são emblemáticos de uma tradição carregada de elementos sagrados e profanos, no que tange a religiosidade do evento.

Percebe-se com isso, que as manifestações religiosas relacionadas ao evento, constituem uma das preocupações daqueles que o realizam, tendo em vista a intenção de exhibir, para o povo nordestino e os turistas que chegam à cidade no período junino, um ambiente munido de características sagradas, além das profanas. A representação de símbolos religiosos no espaço do Parque do Povo fazem referência desde às práticas antigas, como a utilização da fogueira, tornada uma prática cristã, como também a construção da tradição do casamento coletivo, no interior da “Pirâmide”, no dia de Santo Antônio, considerado o santo casamenteiro. Assim, no processo de dessacralização pelo qual a sociedade vem atualmente enfrentando, símbolos que remetem à religião possibilitam a permanência do sagrado entre as culturas populares no mundo contemporâneo, como no caso da cultura popular nordestina.

A festa de São João de Campina Grande, “O Maior São João do Mundo” transformou a cidade em um pólo turístico, destino de pessoas do mundo todo, que desejam conhecer o festejo, mas isso pouco tem relação com a religiosidade do evento. Essas transformações provocaram grandes modificações nas tradições culturais da região e de seu povo. Inúmeras outras cidades do interior do Nordeste beneficiam-se da festa de São João para gerar lucros e movimentar a economia local. A festa em Campina Grande gera empregos e contribui para a massificação do festejo junino, munido do forró e das grandes marcas patrocinadoras da comemoração, colocando-a no calendário das principais festas populares nacionais.

O que interessa ao trabalho é justamente como a fé e a religião atuam na atual festa junina, buscando novos espaços e mantendo viva uma tradição sacra no universo profano do

festejo de São João. A comemoração, antes de cunho religioso, sagrado, adquiriu novos significados, dentre eles a transformação em evento cultural lucrativo, tornando-se como afirma Mircea Eliade, num momento profano, “numa sociedade dessacralizada, um ato pode tornar-se profano quando passa a ser motivado pelo proveito econômico que proporciona”. (ELIADE, 1996: 94).

A festa de São João está relacionada à religião através da fé católica. De forma que o Catolicismo predominou como instituição religiosa no país por quase três séculos, suas práticas e manifestações tornaram-se tradicionais e hegemônicas no calendário nacional. Feriados santos e festejos religiosos fazem parte historicamente do imaginário do brasileiro. Contudo, o catolicismo como maior força no campo das religiões sempre teve que enfrentar a presença de práticas dos nativos e dos escravos africanos, além de outras religiões, em movimentos sincréticos. Dessa forma o festejo junino predominantemente católico, também absorve outras religiões, como por exemplo, voltando-se para Campina Grande, “O cantinho da paz”, espaço destinado aos grupos ditos evangélicos que antes não se percebiam inseridos na festividade. A questão do sincretismo é abordada por Andrade que lhe confere grande importância na construção da identidade nacional brasileira. (2002: 18):

A profusão de cultos sincréticos experimentados ao longo da história religiosa brasileira, mais do que nunca vivida hoje, faz do sincretismo a essência da religiosidade brasileira. O catolicismo seria talvez o principal agente desta dinâmica do campo religioso brasileiro, cujas repercussões ultrapassam as fronteiras do espaço religioso para incorporar-se à mentalidade coletiva, que no contexto da cultura em sua totalidade se exprime como uma natureza também sincrética. Daí, havermos extraído do sincretismo a chave para compreender não só a essência da religiosidade brasileira, como para desvendar a identidade brasileira.

Assim, as manifestações observadas no Nordeste fornecem elementos para pensarmos a região de forma intercultural, com uma grande quantidade de culturas e tradições que se incorporam umas às outras e geram significados para o seu povo, através de manifestações populares, como as festas religiosas, que conferem ao ritual religioso a função de mediação simbólica. Como em demais áreas, a hibridação de gêneros díspares acontece unificando-os. Nestor Garcia Canclini, autor do livro *Culturas Híbridas*, aborda a questão da aplicação do termo em estudos socioculturais, “daí que alguns prefiram continuar a falar de sincretismo em questões religiosas, de mestiçagem em história e antropologia, de fusão em música” (CANCLINI, 2001: 19). Fato é que a associação entre o sagrado e o profano pode funcionar numa dialética enriquecedora, “o sagrado penetrando lado a lado com o profano na história humana” (ROLIM, 1997: 16).

O que sugere Canclini (2001: 28) é que,

É apropriado falar de sincretismo para referir-se à combinação de práticas religiosas tradicionais. A intensificação das migrações, assim como a difusão transcontinental de crenças e rituais no século passado acentuaram essas hibridações e, às vezes, aumentaram a tolerância com relação a elas.

### **O Sagrado e o Profano**

Mas falar de religioso e profano remete imediatamente a Durkheim que os abordou inicialmente, diferenciando-os no Livro “Les Formes Elémentaires de la Vie Religieuse”. De acordo com seus estudos, a diferenciação explica-se pela sociedade, mais precisamente pelos conceitos de coletivo e individual, afirmando que o sagrado e o profano recobrem as outras duas conceituações. Durkheim associa a religião às representações coletivas, assegurando serem elas fenômenos sociais naturais da sociedade, que as elabora e lhes torna imanentes.

Durkheim (apud ROLIM, 1997: 35) afirma:

As coisas sagradas são aquelas cuja representação é elaborada pela sociedade; ela abarca toda espécie de estados coletivos, de tradições e de emoções comuns... as coisas profanas, pelo contrário, são aquelas que cada um de nós constrói com dados dos seus sentidos e de sua experiência pessoal.

Portanto, Durkheim elabora seus estudos visualizando o sagrado e o profano como dois gêneros distintos, dois mundos que nada têm em comum, revelando uma superioridade sobre o que é sagrado em relação ao profano e assegurando o lugar dos rituais ou cerimônias como um mecanismo para reforçar a integração social, o que gera prestígio àqueles que retornam a participar da ordem sagrada. Acerca do profano, o ponto de vista Durkheiminiano é ambíguo, usando o termo tanto para significar símbolos negativos como também sinais não sagrados. Contudo, embora antagonicos, os dois gêneros coexistem, tendo em vista que eles estão em relação direta. Para existir o sagrado, tem que existir necessariamente o profano, o que elimina o dualismo Sagrado X Profano.

Mircea Eliade, historiador das religiões e fenomenólogo também aborda esta problemática. A questão do sagrado e do profano constitui o núcleo central do dualismo no qual Eliade focaliza a noção de fenômeno religioso. O que acontece é que o antagonismo, as diferenças contextuais e estruturais entre os dois é que permite este binômio, sendo inevitável abordar o sagrado sem remeter ao profano.

O sagrado é um fenômeno que se manifesta de inúmeras maneiras, o que se instituiu chamar de hierofania, e sua interpretação pode variar de acordo com a posição do interpretante na estrutura social. Ele considera o sagrado não como uma etapa na consciência do homem, como previa o positivismo, mas sim como um elemento constitutivo da consciência deste homem, o que significa dizermos que a religião é um elemento presente na formação das estruturas das consciências humanas. Uma de suas definições para o sagrado é exatamente que ele se opõe ao profano e, ainda que simplista, é mesmo a única coisa que se pode afirmar com propriedade acerca do sagrado.

As modalidades sagrado e profano são também, no entendimento de Mircea Eliade, duas formas de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem no curso da história e acontecem de acordo com as diferentes posições conquistadas pelo homem no Cosmos, dessa forma, são concebidos os termos sagrado e profano, acontecendo e se interrelacionando simultaneamente, diferenciando-se de acordo com a economia, cultura e organização social dos diferentes espaços.

Logo, Mircea Eliade afirma que não existe um homem totalmente alheio a princípios religiosos, desprovido de um mínimo de sacralidade. Independentemente de seu tempo e lugar, o homem se comportará de maneira religiosa, ainda que esta expressão assumam intensidades diferentes de acordo com as variáveis sociais e históricas. (ELIADE, 1996: 27)

Seja qual for o grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir completamente o comportamento religioso...até a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do mundo.

A experiência profana percebe o espaço de forma homogênea e neutra, sem roturas que diferenciem de forma qualitativa a sua massa. Já o sagrado concebe o espaço profano de forma não-homogênea, onde a hierofania opera um rompimento e, de acordo com sua ideologia, permite a constituição do mundo, porque a revelação de um espaço sagrado conduz à criação de um “ponto fixo” que possibilita uma “orientação caótica, a fundação do mundo, o viver real”. (ELIADE, 1996: 27)

A hierofania realiza-se em um mundo profano, sem este, sua manifestação estaria infundada e imperceptível. Daí revela-se a dialética do sagrado. Ele mantém-se no profano, sem se misturar ou confundir-se a ele, mas precisa necessariamente dele para também existir. Mas o sagrado é visto como a realidade por excelência, cabendo ao profano o espaço da não-realidade, esvaziado de ser. A função inaugural, criadora da hierofania não pode ser exercida

pelos momentos profanos, que são vistos como o espaço caótico tornado cosmicizado pela hierofania.

De acordo com o pensamento pós-moderno, as religiões saem dos espaços sagrados e tornam-se singulares e particulares, na medida em que passa a pertencer aos indivíduos. Assim, cada um elege as suas crenças, que não são mais impostas e as mudam de acordo com as circunstâncias. Dessa forma, promove-se o “pluralismo religioso”, como afirma Hoover (1997), que abarca rituais, simbolismos e crenças de diversas religiões e culturas diferentes.

Os símbolos estabelecem uma comunicação e na religião eles promovem efeitos sociais, funcionando como “código, pela mediação do mito, do conto, da parábola, da metáfora, do rito, da festa, um código performático como dizem os lingüistas, que convida à práxis”. (HOUTART, 2002: 43). Assim, entende-se que a linguagem religiosa só pode ser uma linguagem simbólica, transmitindo um sentido, levando à compreensão e adesão. Dessa forma, os símbolos religiosos encontrados nas festas juninas ainda são bastante significativos. Relacionando-os aos mitos e crenças, uma lenda católica que cristianiza a fogueira pagã, a atribui a um acordo feito pelas personagens bíblicas Isabel e Maria. Para avisar Maria sobre o nascimento de São João e assim ter o seu auxílio após o parto, Isabel teria que acender uma fogueira sobre um monte, bem como os fogos de artifício com a intenção de “acordar” São João que estaria no céu dormindo para não ver a comemoração e cair em tentação de participar dela. Histórias populares como essas ainda fazem parte do imaginário do nordestino, que relacionam as práticas e tradições juninas à religião, mas que vêm ao longo dos anos perdendo sua força e tradição.

François Houtart recorda os três níveis de realidade apresentados por Lévi Strauss: o real, o simbólico e o imaginário, afirmando que a essência da cultura e do homem é se expressar através de representações, tanto das suas relações com a natureza, quanto das relações sociais e isso se dá através dos símbolos. Com isso, os símbolos das festas juninas encontram-se também representando esta relação dialética entre o sagrado e o profano. A utilização destes símbolos na atualidade não se baseia mais, em muitos casos, em representar o significado original do símbolo, quanto à sua sacralidade, ganhando novas significações e atribuições, deslocadas para o âmbito do profano. (HOUTART, 2002: 1 38)

As funções dos símbolos são múltiplas. Em primeiro lugar, pelo fato de que evoca mais do que define, permite a compreensão de coisas profundas e complexas de maneira simples.(...) Sendo aberto sem ser puramente gratuito, o símbolo não está na ordem estanque das certezas. Traduz no sensível o que não o é.



De acordo com o entendimento de símbolo já exposto, a manifestação do sagrado, que é qualquer coisa de diferente do profano, se compõem de atos simbólicos, símbolos ou mesmo tempos simbólicos que representem outros já sacralizados. O homem não concebe mais a hierofania, como acreditavam seus antepassados, em pedras ou árvores, por exemplo, ainda que essas não fossem veneradas como pedra ou árvore, mas como uma manifestação carregada de significados e simbologias sacras. Tal homem busca encontrar-se no tempo sagrado, vivenciar a experiência, mesmo em tempos ou ambientes dessacralizados, encontrando dificuldades cada vez maiores para reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas.

Um fator que diferencia o homem religioso dos outros é que este se recusa a viver unicamente em seu momento atual, o “presente histórico” e as festas populares religiosas, tornadas periódicas pela tradição, são seu esforço por voltar a se unir a um determinado tempo sagrado. Por outro lado, percebe-se que o homem não religioso também reconhece uma certa descontinuidade e heterogeneidade do tempo, visto que também para ele, o presente histórico, tempo predominantemente monótono do trabalho é substituído por tempos de lazer e dos espetáculos, chamados de “tempos festivos”.

### **O espaço sagrado em Campina Grande**

Observando de forma mais específica o espaço da festa em Campina Grande, o “Parque do Povo”, percebemos vários exemplos de manifestações religiosas. A grande maioria faz referência à religião católica, revivendo-a a partir de símbolos e hierofanias. A enorme fogueira de São João instalada na entrada do parque é um exemplo emblemático desta referência à religião. A celebração da festa Junina surgiu em consequência do solstício de verão na Europa, Norte da África e Oriente Médio, período em que os povos celtas, bretões, bascos, persas, egípcios, sírios e sumérios realizavam rituais de fertilidade para favorecer o crescimento da vegetação e a fartura das colheitas. As celebrações, consideradas inicialmente como pagãs pela Igreja Católica, logo foram absorvidas e adaptadas às comemorações de São João, que se originou no dia 24 de junho, dia do solstício. O costume de acender fogueiras neste dia foi incorporada à religião, através da história, já citada anteriormente, referindo-se ao acordo feito entre Isabel e Maria.

Podemos citar outros exemplos de referência à religião católica e por conseguinte à fé no evento como a instalação de uma réplica da Igreja Catedral da Cidade dentro do espaço

destinado à festa, a tradição do casamento coletivo no dia de Santo Antônio, considerado o santo casamenteiro, os fogos de artifício no dia da abertura do evento e no dia de São João.

Como hierofania, podemos identificar as práticas de adivinhações, crenças e simpatias realizadas pelo povo. O nordeste brasileiro, devido ao clima, permite que arte se desenvolva e amplie. A seca faz o nordestino buscar explicações para os fatos dos quais não entende através dos santos, realizando rezas, simpatias. Mas elas são feitas com vários fins, como arrumar casamento, por exemplo.

O avanço industrial e a conseqüente criação da indústria e cultura de massas, além do pensamento científico, promoveram a dessacralização do Cosmos, tornando o mundo em um universo fragmentado, onde o homem se move e se relaciona com diversos espaços e valores, dos mais variados possíveis.

De maneira que a industrialização promoveu um choque de descontinuidade e heterogeneidade nos espaços, o tempo também sofreu mudanças, já que, para o homem religioso, ele também não é homogêneo. No tempo sagrado existem intervalos, o chamado “tempo das festas” e há ainda, o tempo profano. Dentre os tempos sagrado e profano, o homem religioso pode transitar sem perigo através dos ritos.

As festas populares de cunho religioso cumprem o papel do tempo sagrado de serem reversíveis, sabendo-se que são tempos míticos tornados presentes novamente a cada celebração. A cada ritual festivo, promove-se a reatualização de um evento tornado sagrado em algum lugar do tempo. Dessa forma, participar religiosamente de uma festa sugere a saída temporal do caos do profano, reintegrando-se ao sacro, mesmo que por pequenos momentos, vivido pelos deuses e santos em ocasião de seus tempos.

A festa de São João se insere nesse contexto e funde a tradição mítica dos ritos festivos sagrados com elementos profanos. Seu surgimento, que se deu em homenagem e comemoração a santos da igreja católica, apresenta-se hoje muito mais como uma festa de caráter mercadológico, visando o lucro e a disseminação de uma cultura híbrida, entre o moderno e o tradicional, o culto e o popular e também entre o sagrado e o profano. Contudo, ainda podem ser observados elementos característicos que remetem à fé e à religião permeando toda a extensão do evento e que evidenciam ainda uma acentuada religiosidade do nordestino.

Resultado dos processos de modernização, industrialização e massificação, o homem nordestino experimenta agora uma profusão de elementos e práticas globalizadas e desterritorializadas. Assim, sua cultura, tradição e crenças buscam novas formas de identificação e apresentação frente à importação de outras culturas. A fé, em uma cultura tão

marcadamente religiosa, como sempre foi a do homem nordestino, enfrenta hoje desafios e processos de hibridação para continuarem a exercer seu papel na construção das identidades e costumes no Nordeste.

## Referências

ANDRADE, Maristela Oliveira de. 500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 2002.

ANTUNES, N. M. de M. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, J. A. Cultura e Identidade: perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo, EDUSP, 2001.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Repensando o Sincretismo: Estudo sobre a casa de Minas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

HOUTART, François. Mercado e religião. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

LIBANIO, João Batista. As lógicas da cidade: O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Dicotomias religiosas: ensaios de sociologia da religião. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

RODRIGUES, Kleber Fernando, 1968. Teologia da prosperidade, sagrado e mercado: Um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru – PE. São Paulo: Edições ABHR: Edições FAFICA, 2003.